

INTERFACES TRABALHO E LAZER: UM ESTUDO COM JOVENS APRENDIZES NO CONTEXTO DO PROGRAMA EDUCAÇÃO E TRABALHO (PET)

Recebido em: 16/11/2020

Aprovado em: 24/02/2021

Licença: 

*Tatiana Domingues Pereira*¹
Faculdade de Minas (FAMINAS-BH)
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Ana Cláudia Porfírio Couto*²
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Este artigo objetivou analisar as interfaces entre lazer e trabalho das jovens aprendizes do Programa Educação e Trabalho – PET. Por meio da aplicação de um questionário a 387 aprendizes foi possível constatar que as jovens dispõem de tempo para usufruírem o lazer, apesar de boa parte delas alegar dificuldades relacionadas a falta de dinheiro e de segurança. A opção das jovens por participarem do PET se deu, principalmente, como uma forma de se inserirem no mercado de trabalho, tendo como vantagem a aquisição de experiência. Na percepção das jovens o fato de serem aprendizes não interfere nos seus estudos e no tempo de lazer. Quanto ao gênero, percebem a existência de uma assimetria quanto às tarefas domésticas. Estes resultados contribuíram para se pensar na vivência dessas jovens não somente como contraponto ao trabalho, mas como possibilidade de desenvolvimento pessoal e social.

PALAVRAS-CHAVE: Jovem Aprendiz. Trabalho. Atividades de Lazer.

WORK AND LEISURE INTERFACES: A STUDY WITH YOUNG APPRENTICES IN THE CONTEXT OF THE EDUCATION AND WORK PROGRAM (PET)

ABSTRACT: This article aimed to study interfaces between leisure and work of young apprentices participating in Education and Work Program (PET). Through the application of a questionnaire to 387 apprentices, it was possible to verify that youths have time to enjoy leisure, although a great number reported access difficulties regarding the lack of money and security. The girl's option for integrating PET was

¹ Bacharel em Administração. Especialista em Educação e Gestão Empresarial. Mestre em Administração. Doutora em Estudos do Lazer. Docente dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da FAMINAS-BH. Docente nos cursos de Pós-Graduação no SENAC/MG.

² Licenciada em Educação Física. Mestre em Educação Física. Doutora em Ciência do Desporto. Pós-Doutora em Sociologia do Esporte e Lazer. Professora na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG. Professora credenciada no Programa de Pós-graduação de Mestrado e Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da EEEFTO-UFMG.

especially a way of entering the job market and its main advantage was the acquisition of professional experience. The job as an apprentices, in their perception, does not interfere with their studies, and their leisure. When considering their gender, participants notice an asymmetry concerning housework. These results contributed to thinking about the experience of these young women not only as a counter point to work, but as a possibility for personal and social development.

KEYWORDS: Young Apprentices. Work. Leisure Activities.

Introdução

Muito tem se discutido na literatura especializada acerca da flexibilização e da precarização do trabalho, da redução considerável dos empregos e da dificuldade de se ter um trabalho decente e uma trajetória sócio-ocupacional contínua, o que levaria a uma ressignificação do trabalho como eixo organizador central da sociedade, da subjetividade e da identidade, e deixaria muitas pessoas apartadas da possibilidade de trabalhar em condições satisfatórias e ter no trabalho um valor básico (BLANCH, 2003; CASTEL, 1999).

Alguns grupos sociais têm sido apontados como os mais impactados e afetados por esta conjuntura contemporânea de precariedade e vulnerabilidade como é o caso de jovens provenientes de família de baixa renda. Nota-se que, nesse contexto, segundo apontamentos de Pochmann (2000), que os jovens enfrentam dificuldades adicionais para encontrar trabalho e nele se manterem, uma vez que além de inexperientes, encontram poucas oportunidades. Isso fica significativamente mais grave entre os jovens pobres, pois eles são impelidos a precipitar a ocupação de um posto de trabalho para obter uma renda a fim de apoiar nas despesas familiares ou na própria sobrevivência, o que costuma comprometer a possibilidade de formação escolar e de maior qualificação profissional, as quais adiante provavelmente contribuiriam para a sequência de sua carreira de trabalho.

O Governo Federal possui nas mais diferentes áreas, inúmeras ações, programas e políticas públicas para a juventude. Entender as singularidades e as peculiaridades das juventudes e garantir direitos a esta geração são fatores fundamentais para consolidar a democracia no Brasil, com inclusão social. Dentro das políticas priorizadas, a área ligada a trabalho e emprego tem recebido grande atenção, reunindo ações voltadas a fortalecer as chances de inserção profissional e ascensão social. A Lei 12.852 preconiza no Art. 14 que “O jovem tem direito à profissionalização, ao trabalho e à renda, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança, adequadamente remunerado e com proteção social” (BRASIL, 2013).

Uma dessas políticas refere-se a Lei da Aprendizagem que garante um contrato formal de trabalho, de até dois anos, a adolescentes e jovens com idade entre 14 e 24 anos, com a principal finalidade de propiciar a esse segmento da juventude a inclusão social no mercado de trabalho.

Dentro deste contexto, o Programa Educação & Trabalho (PET) promovido pela Fundação CDL Pró-Criança, insere no mercado de trabalho jovens aprendizes com idade entre 15 e 20 anos, provenientes de famílias de baixa renda. O programa, além de proporcionar a oportunidade do primeiro emprego, promove uma formação profissional e cidadã que possibilita aos aprendizes atuarem com qualidade e responsabilidade nos diversos segmentos empresariais.

Não obstante às dificuldades de inserção no mercado de trabalho, a desigualdade de gênero cria desafios para as mulheres no mercado de trabalho, apesar das muitas conquistas. Ramalho e Figueiredo (2013) declaram que o trabalho feminino ainda sofre bastante discriminação e desvalorização, embora contribua significativamente com a renda familiar. Mesmo tendo ganhado espaço no mercado de trabalho, ocorre que a mulher tem dificuldade em separar a vida familiar da vida laboral, o que gera muitos

conflitos internos e familiares, pelo fato de ter de se desdobrar para conciliar seus múltiplos papéis na sociedade, tentando desempenhá-los da melhor maneira possível.

Vale destacar a questão das jovens aprendizes que, em função do trabalho, relegam as atividades de lazer a segundo plano, é o que acontece com essas jovens trabalhadoras em virtude da demanda do trabalho, das atividades escolares e das tarefas domésticas. O que é confirmado por Ferreira (2010) ao destacar que o lazer também sofre e vai sofrer alterações, sempre condicionado à lógica do trabalho. O tempo livre que poderia ser destinado ao lazer é intensamente usado para a preparação do trabalho e na busca pela garantia deste, por meio da competitividade profissional, aquisição de bens ou serviços, entre outras questões que estão disponíveis e são valorizadas pela sociedade do consumo.

No entanto, ao analisar a rotina de jovens mulheres, trabalhadoras/estudantes, observa-se que os momentos dedicados às práticas de lazer são mais escassos quando comparados, por exemplo, às práticas de alunos que têm como compromisso apenas as demandas escolares. Assim, este artigo apresenta como objetivo analisar as interfaces entre lazer e trabalho das jovens aprendizes do Programa Educação e Trabalho - PET desenvolvido pela Fundação CDL Pró-Criança.

Para dar conta do objetivo da pesquisa utilizaram-se como caminho as pesquisas qualitativa, quantitativa, bibliográfica, descritiva e documental. Na coleta de dados, 387 jovens dentro de um universo de 402 aprendizes integrantes do PET, responderam ao questionário³. Destaca-se que este artigo trata-se de um recorte na tese da autora

³ O questionário foi composto por 28 questões objetivas, divididas em três partes. A primeira parte foi composta por sete questões sobre lazer, a segunda parte, composta por 11 questões sobre gênero e trabalho e a terceira, compôs-se por questões sobre as jovens e a sua situação socioeconômica. O questionário foi aplicado às jovens participantes do PET, um universo composto por jovens do gênero feminino e maiores de 18 anos, o que totalizou 402 jovens. Foi aplicado no período de 14 a 18 do mês de janeiro de 2019, em sala de aula, na sede da Fundação CDL Pró- Criança. A pesquisadora realizou uma parte da aplicação do questionário e a outra parte foi aplicada pela Coordenadora Pedagógica, em virtude dessas jovens estarem na Fundação em dias e horários alternados e pela disponibilidade da pesquisadora.

intitulada como “O lazer para as jovens aprendizes: um estudo no contexto da Fundação CDL Pró-Criança.”, que apresentou uma perspectiva mais ampla envolvendo as dimensões gênero, juventudes, trabalho, escolarização e lazer, áreas estas marcadas por desigualdades e discriminações na sociedade.

Reitera-se que, tendo em vista a importância da observação de todos os preceitos éticos para essa pesquisa, o projeto de tese foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP-UFMG), sob o CAAE n. 99557218.3.0000.5149. O preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi realizado pelo público investigado, para autorizar a coleta e a utilização dos dados na pesquisa, atendendo à legislação brasileira, representada pelas Resoluções n. 466/12; 441/11 e pela Portaria 2.201, do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, e garantindo a utilização das informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Este estudo faz-se necessário, por possibilitar entender melhor tanto os contextos e as condições em que o trabalho das jovens pode ocorrer quanto as percepções e os significados que elas constroem acerca da relação entre trabalho e lazer.

O projeto CDL

A História da Fundação CDL Pró-Criança⁴ começou em 1986, com a iniciativa de empresários do comércio, ligados à CDL/BH que resolveram se mobilizar em torno dos problemas que afetavam a vida das crianças de Belo Horizonte. A entidade cumpre sua missão de levar igualdade de oportunidades às pessoas e contribuir para a construção de um futuro melhor, fortalecendo e exercendo a cidadania por intermédio

⁴ Disponível em:

https://www.cdlbh.com.br/portal/115/Oportunidades_de_Emprego/Jovem_Aprendiz__PET. Acesso em: 04 jul. 2019.

do Programa Educação e Trabalho – PET e demais projetos desenvolvidos pela Fundação.

O Programa Educação e Trabalho – através do seu projeto de Aprendizagem Profissional – fazem o elo entre o jovem responsável e sua primeira experiência profissional no mercado de trabalho formal, sendo suas atividades regulamentadas pela Lei da Aprendizagem (10.097/2000), Decreto Lei que o regulamenta 5.598/05, Portarias correlatas do Ministério do Trabalho e Emprego e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, quando se refere à aprendizagem para menores de 18 anos.

Há 12 anos, a Fundação desenvolve o programa de aprendizagem Programa Educação e Trabalho (PET), que promove a qualificação profissional e a inserção de jovens com idades entre 15 e 20 anos, provenientes de famílias de baixa renda, no mercado de trabalho. Durante todo o período de aprendizagem, os jovens recebem uma formação técnico-profissional nas áreas comércio e serviços, administração e logística. A equipe do PET é formada por psicólogos, pedagogos, assistentes sociais e assistentes administrativos especializados no terceiro setor e também em aprendizagem.

O programa de aprendizagem desenvolvido pela Fundação CDL é precedido pela realização de um curso de Iniciação Profissional, com carga horária de 20 horas. Em seguida, os jovens que obtêm um desempenho satisfatório têm a possibilidade de serem inseridos nas empresas. Já como aprendizes recebem uma formação técnico-profissional, desenvolvida tanto na Fundação CDL, quanto na empresa que o admite.

A formação teórica possui uma carga horária de 400 horas, sendo que dentro dessa carga horária 16 horas são destinadas a atividades culturais e esportivas relacionadas ao lazer; e a parte prática que compreende 1.084 horas. A carga horária total do programa é de 1.484 horas ao longo de 18 meses.

Esse programa segue um fluxo que começa com a divulgação do curso de Iniciação Profissional para jovens residentes em comunidades de baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH⁵), inscrições na Fundação CDL, seleção, curso de iniciação profissional, banco de talentos, acompanhamento psicológico e acompanhamento pedagógico.

O público atendido são os adolescentes e jovens, moradores de Belo Horizonte e Região Metropolitana, com idade entre 15 a 20 anos, e que estejam cursando a partir do 9º ano do ensino fundamental ou tenham concluído o ensino médio. O programa é voltado para adolescentes e jovens com baixa renda, matriculados e frequentes em escola pública e pertencentes a núcleos familiares com renda per capita de até um salário mínimo.

Dados da Fundação CDL- Pró Criança (2009) indica que desde o seu início, em 1999, o PET já qualificou cerca de 12 mil jovens e inseriu mais de 4 mil no mercado de trabalho.

Este programa traz benefício tanto para a empresa quanto para o aprendiz. Para a empresa que o acolheu, além de evitar multas, criar a oportunidade de emprego e reafirmar seu papel no desenvolvimento socioeconômico, abre novos horizontes no entendimento de que a inserção das empresas em ações socialmente responsáveis retorna em melhoria do ambiente interno, desenvolvimento para a sociedade e impulso nos negócios, gerando crescimento com sustentabilidade para todos os envolvidos. E, para o jovem, ao final do PET, terá desenvolvido atividades tanto práticas quanto teóricas, conferindo a ele um considerável diferencial competitivo, condição básica para ser absorvido pelo mercado de trabalho formal.

⁵ Índice utilizado para medir o grau de desenvolvimento de um país, levando-se em consideração os seguintes aspectos: renda per capita (toda a riqueza produzida ao longo de um ano dividida aritmeticamente por sua população), longevidade (a expectativa de vida da população) e escolaridade (número de crianças alfabetizadas e regularmente matriculadas nas escolas).

Após descrever sobre o funcionamento do PET, a seguir apresenta-se uma discussão sobre as interfaces trabalho e lazer na juventude.

Os Entrelaçamentos entre as Jovens, o Trabalho e o Lazer

A atividade laboral assume uma forma peculiar em cada indivíduo, que lhe atribui um significado, geralmente relacionado aos seus desejos e necessidades, sendo fonte de transformação e de realização pessoal. Dessa forma, o significado do trabalho assume interpretações subjetivas em que cada indivíduo atribui uma importância distinta para a sua vida. O trabalho, segundo Rosso; Dekas e Wrzesniewski (2010) é central para a vida do homem, embora cada cultura tenha valores e representações peculiares sobre o assunto.

Nos últimos tempos, Bernal (2010) menciona que, muito se tem discutido e publicado sobre a aceleração e a diversidade das transformações do mundo do trabalho, sobretudo aquelas concernentes e/ou decorrentes da introdução de novas tecnologias de produção, tais como a informatização, a automação, os novos modelos de gestão e as novas possibilidades de produtividade. Tem-se discutido o alcance dessas transformações para uma mudança acentuada na forma de conceber o trabalho, caracterizando o surgimento de um novo paradigma, redefinindo o lugar do trabalho na vida da sociedade e de cada indivíduo.

As mudanças no mundo do produtivo supracitadas é mencionada por Narciso (2017) por serem responsáveis pela alteração da dinâmica dos mercados interno e externo de trabalho, perceptíveis na seletividade, precariedade e exclusão. Porém, o trabalho não perdeu sua importância e continua na ordem do dia, especialmente para a população jovem, que o vê não somente como provedor de oportunidades de sobrevivência, mas como espaço de sociabilidade e construção identitária.

Ao abordar o mercado de trabalho, é importante relatar sobre a dificuldade de acesso dos jovens a uma colocação e/ou recolocação neste. Pais (1991) aponta os fatores que exprimem essa dificuldade e fortalecem a insatisfação com as perspectivas do futuro profissional: a diminuição das oportunidades de emprego para os jovens, principalmente em decorrência da introdução de novas tecnologias, com as exigências de maior qualificação e experiência; a significativa mobilidade ocupacional dos jovens, com a circulação por diversas situações seja de trabalho (formação, aprendizagem, precário, temporário, em tempo parcial, etc.), seja de emprego (desemprego, inatividade, emprego); a precarização do trabalho juvenil seria acompanhada pela periferização dos jovens em torno do mercado de trabalho secundário, tanto em consequência da sua fraca especialização/qualificação, que os orientaria para o trabalho nos setores periféricos, quanto por uma preferência pelo trabalho “intermitente”, antes de buscarem estabilidade e assumirem maiores responsabilidades.

Há de se mencionar que como fatores dificultadores do ingresso dos jovens no primeiro emprego, cita-se a falta de experiência, a baixa escolaridade e a renda social. Muitos jovens abandonam os estudos para ajudar na renda da família, e ficam sem tempo de concluir seus estudos. Desse modo, “a educação passa, então, a constituir-se num dos fatores fundamentais para explicar economicamente as diferenças de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, as diferenças de produtividade e renda” (FRIGOTTO, 2003, p.41).

Além da escolaridade, a experiência torna-se outro fator dificultador no ingresso dos jovens no mercado de trabalho como é colocado por Guimarães (2009). O autor diz que para grande parte dos jovens, existe o agravante do percurso marcado pela ausência de experiências de trabalho, sobretudo naquela experiência registrada em carteira. O que se percebe é que quando localizamos a população jovem, ou ao menos parte

considerável dessa população, nesse novo cenário criado a partir da reestruturação produtiva, falta para esses indivíduos uma experiência ocupacional e mesmo níveis de qualificação, desejados pelos ofertantes das vagas.

Além das exigências impostas para inserção no mercado de trabalho, merece atenção na vida dos jovens a dificuldade em conciliar estudos com trabalho. Como expõem Guimarães e Romanelli (2002) a tarefa de administrar exigências laborais e escolares mostra-se desgastante. Esse acúmulo de tarefas pode se tornar fator de risco. Para isso, é fundamental se pensar nas relações entre trabalho e lazer.

A relação lazer e trabalho para Silva *et al.* (2011), desperta muita polêmica em nossa sociedade. Para compreendermos melhor essa relação, partimos do entendimento de que lazer e trabalho apresentam íntimas relações, que apesar de serem esferas distintas estão dialeticamente relacionadas. No que tange à relação entre lazer e trabalho, Stênico e Paes (2016) acrescentam que por muito tempo ambos eram considerados elementos de campos opostos, que, posteriormente, culminou com o entendimento de tempo livre como um complemento do trabalho e, na atualidade, na concordância de que lazer e trabalho podem ser vistos com uma relação intensa e, portanto, difícil de separar. Um exemplo disso pode ser visto em algumas empresas que adotam espaços para descanso e lazer em suas instalações, na expectativa de que isso possa otimizar as relações interpessoais e aumentar a produtividade. Desta forma, é importante entendermos mais sobre o lazer.

São muitas as definições e conceitos de lazer, suas dimensões de tempo e atividade, função, importância, a maneira como é usufruído e sua participação na vida do homem. A expressão lazer tem sua origem do latim *licere* e sua conotação remete ao “ser lícito, ser permitido, poder, ter o direito”. Comumente relacionado a situações de liberdade, atividades culturais, divertimento e/ou descanso, o lazer diz respeito as mais

variadas dimensões da ação humana. Ao levar em consideração os estudos produzidos sobre o tema, “o lazer designa um amplo e complexo campo da vida social que inclui uma variedade de temáticas, tais como o tempo livre, o ócio e a recreação”, ponderam Gomes *et. al.* (2009, p.68)

A definição do lazer elaborada por Dumazedier (2000, p.34)

O lazer é tido como um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Gomes (2004) contesta a definição de lazer proposta por Dumazedier ao considerá-lo em oposição ao conjunto de necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente, do trabalho profissional, interpretação esta passível de questionamentos. Trabalho e lazer, apesar de possuírem características distintas, integram a mesma dinâmica social e constituem relações dialéticas. É preciso considerar o dinamismo desses fenômenos, atentando para as inter-relações e contradições que apresentam. Werneck (2004) ainda acrescenta que, na vida cotidiana, nem sempre existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações sociais, religiosas e política. Afinal, não vivemos em uma sociedade composta por dimensões neutras e desconectadas umas das outras. Ainda cita como exemplo: uma pessoa que trabalha diante de um computador pode acessar o seu e-mail ou outros sites durante o trabalho, mas com fins ligados ao lazer. Portanto, o lazer é uma dimensão da vida que se relaciona com as outras dimensões e, ao estudarmos este campo de conhecimento, devemos levar em conta essa sua complexidade.

Ao se pensar em lazer como única forma de recuperação do trabalhador, Padilha (1992) relata que se elimina, logo de início, a possibilidade de se trabalhar sem sofrer, sem perder algo que deva ser resgatado mais tarde pelo lazer. Elimina-se ainda a

necessidade de alteração deste trabalho que aliena. Se o trabalho aliena, é inserido no seu processo que o trabalhador deveria se empenhar para encontrar caminhos de desalienação. Assim, atribuindo poderes mágicos ao lazer, esconde-se a possibilidade de transformação no sistema de trabalho, algo bem mais complexo que a lógica simplista do funcionalismo não considera. A autora ainda alega que só é possível pensar num “novo lazer” a partir de uma nova sociedade. É por isso que não concebe como “corretas” as abordagens funcionalistas, porque consideram a sociedade como estática, a autora salienta que para a constituição de uma nova sociedade é preciso que se tenha uma visão dinâmica de sociedade.

Esta visão funcionalista e compensatória, como forma de recuperação do sujeito para o trabalho, tem sido pouco utilizada nos estudos atuais sobre o lazer. Discussões mais atuais têm analisado o lazer e o senso comum⁶ a partir de um referencial cultural, apresentando possibilidades de investigação relacionada ao tema lazer e cultura.

Ainda na perspectiva do lazer como uma dimensão da cultura, Gomes (2008) a caracteriza pela vivência lúdica de manifestações culturais (tais como as festas, os jogos, as brincadeiras, os esportes, as artes e até mesmo o ócio) no tempo/espço conquistado pelos sujeitos e grupos sociais. De acordo com a autora, não existem fronteiras absolutas entre o trabalho e o lazer, tampouco entre o lazer e as obrigações cotidianas. O lazer é um fenômeno dialógico e, mesmo que o sujeito esteja em busca de satisfação, maior flexibilidade e liberdade de escolha, nem sempre estará isento de obrigações sociais, familiares, profissionais etc. Sendo assim, o lazer não é um fenômeno isolado, ele se manifesta em diferentes contextos em consonância com os sentidos e significados dialeticamente produzidos/reproduzidos pelas pessoas nas suas

⁶ O senso comum compreende o lazer de forma compensatória e funcionalista, relacionando-o, em geral, ao divertimento e ao descanso, desconsiderando o desenvolvimento social e pessoal que ele pode promover.

relações com o mundo. Assim, ao propiciar o desfrute da vida no momento presente, o lazer dialoga com o contexto e reflete as ambiguidades e contradições nele presentes.

Entende-se o lazer como uma instância da vida humana e dimensão da cultura que compõe um horizonte de práticas sociais vivenciadas ludicamente pelos sujeitos, estando presente na vida cotidiana em todos os tempos, lugares e contextos (GOMES, 2011).

Diante do exposto, ao se considerar o lazer como cultura deve-se levar em conta que o lazer está presente em vários lugares (casa, rua, escola, trabalho, shopping centers, centros culturais, museus, bares, praças, parques etc.). No entanto, um dos principais fatores que deve ser analisado é a diversidade, respeitando e valorizando as características específicas de cada grupo, pois cada um possui diferentes acesso ao lazer, aliado também ao fator das diferenças de necessidades e interesses entre os sujeitos de acordo com as suas características e momentos de vida (mulher, homem, criança, jovem, adulto, idoso etc.).

O lazer é um campo onde os jovens desenvolvem sua sociabilidade e experimentam situações que ajudam a estruturar suas novas referências e identidades, argumenta Abramo (1994). Para a autora, o lazer é considerado uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil. Em relação às classes populares especificamente, Abramo afirma que compreendem a juventude como um período em que se pode gozar a vida e se preparar para o futuro. O lazer é, então, diretamente associado aos jovens, e a diversão passa a ser vista como elemento constitutivo da condição juvenil

Isayama e Gomes (2008) acrescentam que quando se trata da juventude é importante frisar que a dimensão da cultura e, conseqüentemente, a do lazer se constituem como espaços privilegiados de práticas, representações, símbolos e rituais,

os quais participam da configuração da identidade juvenil. Assim, quanto às opções de lazer para a juventude, torna-se relevante reconhecer as diferentes expressões culturais gestadas e vividas pelos grupos, já que apresentam tensões e contradições de uma sociedade que, muitas vezes, tenta homogeneizá-los.

Assim, torna-se relevante analisar como se dá o uso do tempo livre e das práticas de lazer no cotidiano de jovens estudantes e trabalhadores. O que encontra apoio nas ideias de Brenner; Dayrell e Carrano (2008) ao dizerem que compreender os espaços e as formas de ocupação do tempo livre dedicado ao lazer, pelas/os jovens, é fundamental no entendimento da sua condição juvenil. As/os jovens buscam distintas possibilidades de lazer, nas ruas com as/os amigas/os, no esporte e no ciberespaço.

Cabe destacar, que até mesmo a escolha das práticas de lazer é influenciada pelo gênero. O que é confirmado por Sousa (1994, p.68) ao expor que as pesquisas no âmbito do lazer/gênero têm vocação emancipatória, sobretudo quando se apresenta como “um espaço possível de ruptura dos valores sexistas dominantes pelas vivências lúdicas coletivas, respeitando as diferenças entre os jogadores, dentre essas, suas diferenças de sexo.”

De forma complementar, Sampaio (2008) declara que independente da prática de quaisquer que sejam os conteúdos do lazer, o uso do tempo para homens e mulheres é efetivamente diferente devido a fatores culturais e sociais. Na maioria das vezes, essas diferenças já começam na infância, com os adultos impondo atividades do tipo competitivas e agressivas para os meninos e atividades delicadas para as meninas.

Tanto o gênero quanto a classe social, são fatores determinantes no acesso ao lazer, como aponta Marcellino (1996) ao mencionar que as mulheres encontram barreiras sociais para a vivência do lazer. Há privilégios de gênero na apropriação do lazer. Vivemos, ainda, em uma sociedade patriarcal, na qual as mulheres que exercem

trabalho remunerado ainda acumulam grande parte dos serviços domésticos e cuidados com os filhos, o que faz diminuir o seu tempo de lazer. Ademais, afirma que “a rotina das tarefas domésticas, a preocupação com os filhos menores, a longa exposição aos veículos de comunicação de massas pode comprometer as atitudes dessas mulheres em relação ao lazer (MARCELLINO, 2003, p.51).

Ademais às desigualdades de gênero na vivência das práticas de lazer, as jovens aprendizes também possuem o desafio em conciliar trabalho, escola e lazer, principalmente, em virtude do lazer não estar acessível a todos. Os jovens de baixa renda acabam sendo excluídos das práticas de lazer, ou quando as possuem, são poucas as opções disponíveis.

Diante do exposto, vale a pena analisar as interfaces entre lazer e trabalho na percepção das jovens aprendizes, integrantes do Programa Educação e Trabalho - PET desenvolvido pela Fundação CDL Pró-Criança

Os Resultados

Primeiramente, será apresentada a situação socioeconômica das jovens, na sequência a percepção dessas jovens sobre o trabalho e a influência do lazer nas suas atividades laborais.

A maioria das jovens aprendizes é solteira, com predominância na cor parda, brasileiras, residem em casa e/ou apartamento com os pais, residem com mais de duas pessoas, estão inseridas no mercado de trabalho e cursam e/ou cursaram o ensino médio em escola pública. As mães possuem maior nível de escolarização do que os pais sendo a renda familiar total da família de até 3 salários mínimos.

Ao se tratar sobre a importância do trabalho na vida das jovens aprendizes, as mesmas foram questionadas sobre os motivos de terem escolhido ingressar no PET, conforme Tabela 01.

Tabela 01: Motivos de ter escolhido o PET

	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Inserção no mercado de trabalho	294	77,37
Influência familiar	32	8,42
Valorização profissional	105	27,63
Prestígio social	12	3,16
Vocação	8	2,11
Baixa concorrência para ingresso	3	0,79
Outros	35	9,21
Total	489	

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Apura-se que o motivo mais citado pelas jovens pela escolha do programa PET foi a inserção no mercado de trabalho o que comprova o exposto por Antunes (2002) ao dizer que o trabalho representa sentido e realização na vida das pessoas. Corroborando, Giddens (2005, p. 306) menciona sobre a importância do emprego para a autoestima dos indivíduos e ainda diz que “mesmo nos lugares em que as condições de trabalho são relativamente desagradáveis, e as tarefas monótonas, o trabalho tende a representar um elemento estruturador na composição psicológica das pessoas e no ciclo de suas atividades diárias”. Dada a relevância do significado do trabalho na vida das pessoas, o foco das jovens aprendizes ao ingressarem no PET é de que este possa contribuir para a inserção delas no mercado de trabalho.

As jovens também foram indagadas sobre a vantagem mais importante em serem aprendizes. Cerca de 80% das alunas citaram experiência profissional como a vantagem mais importante do programa, seguida do registro na carteira de trabalho e por ser totalmente gratuito.

O fato de terem citado a experiência profissional como a principal vantagem condiz com os pressupostos de Pochmann (2000) de que os jovens enfrentam dificuldades para encontrar trabalho e nele se manterem, por serem inexperientes. Ademais, Guimarães (2009) coloca a experiência como fator dificultador no ingresso dos jovens no mercado de trabalho. Para o autor para grande parte dos jovens, existe o agravante do percurso marcado pela ausência de experiências de trabalho, sobretudo naquela experiência registrada em carteira. O que é confirmado pela preocupação das jovens com a aquisição de experiência e com o registro na carteira de trabalho, sendo estes fatores proporcionados pelo PET.

Ao ingressarem no PET, as alunas trabalham e estudam, ao mesmo tempo, recebendo uma formação técnico-profissional na área de interesse escolhida por cada uma. Foi possível constatar que menos de 2% das alunas consideram que o trabalho dificulta os seus estudos.

O fato de conseguirem conciliar os estudos com o trabalho contraria os dizeres de Teixeira *et al.* (2004) ao sugerirem que o trabalho representa um fator de risco, sobretudo porque prejudica os estudos e contribui para o abandono escolar por parte dos jovens. Estes autores ainda discorrem que o trabalho intenso combinado com o estudo pode ser fisicamente penoso na juventude, envolvendo rotinas pesadas e provocando sobrecarga emocional.

Em contraponto, Fischer *et al.* (2003) apresentam como aspecto positivo do trabalho a possibilidade de adquirirem experiência laboral, de modo que a execução da atividade profissional possa auxiliar na construção de um futuro diferente para estas jovens. Além do mais, Mattos e Chaves (2006) indicam que o trabalho não constitui intrinsecamente um risco, pois pode favorecer a permanência do jovem na escola e aumentar seu interesse pelos estudos, dependendo das condições em que ocorre.

Quando as condições são favoráveis, o trabalho pode fomentar o desenvolvimento do jovem.

Estas jovens possuindo experiência profissional e buscando se qualificar terão as suas chances aumentadas de conseguirem um trabalho digno, sendo importante como nos dizeres de Narciso (2017) que assumem uma postura positiva, em que vale a possibilidade de experimentar diferentes ocupações, como garantia de experiência que pode levar à melhoria de vida através do trabalho. Eliminando, assim, a possibilidade de ocuparem postos de trabalhos de baixa qualidade e precários.

Ao serem inqueridas sobre quantas horas se dedicam aos estudos, nota-se que quase 80% das alunas estudam apenas até 3 horas por semana ou não estudam além do período escolar.

Resultado este interessante se pensar que mesmo as aprendizes declarando que conseguem conciliar o trabalho com os estudos, grande parte destas dedica no máximo três horas por semana aos estudos.

Também pode ser observado que 67,3% das jovens às vezes e quase sempre encontram tempo para as práticas de lazer, enquanto 21,4% sempre encontram e 11,3% raramente e nunca usufruem de práticas de lazer.

Apesar de Abramo (1994) considerar o lazer como uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil e compreender a juventude como um período em que se pode gozar a vida e se preparar para o futuro, não é o que acontece na realidade de jovens de pertencentes a famílias de baixa renda.

No entanto, o que acontece é o fato de que muitas práticas de lazer, principalmente aquelas associadas à juventude, estão associadas ao consumo o que acaba sendo um obstáculo aqueles jovens pertencentes a classes mais baixas. A prática de atividades de lazer segundo Pimentel (2003) varia conforme a classe social de cada

indivíduo, na qual o consumo e as oportunidades são desiguais, mesmo que a indústria cultural tenda a homogeneizar os costumes. Nesse sentido, Melo (2003) caracteriza o lazer como um mercado seletivo somente acessível em sua plenitude aos privilegiados economicamente. Pedrão e Uvinha (2017) ainda apontam ser as variáveis níveis de escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça do brasileiro de fundamental importância para a melhor compreensão das barreiras geradas no âmbito do lazer.

Como postulam Brenner; Dayrell e Carrano (2008) é fundamental compreender os espaços e as formas de ocupação do tempo livre dedicado ao lazer, pelas/os jovens, para entender a sua condição juvenil. As/os jovens buscam distintas possibilidades de lazer, de acordo com a sua realidade.

Além do trabalho como jovem aprendiz, 79% das jovens afirmaram serem responsáveis por tarefas domésticas, 14,5% não desempenham nenhuma outra atividade, enquanto 3,7% cuidam dos filhos e 2,4% do cônjuge.

No que diz respeito às tarefas domésticas, Soares (2008) aponta que no caso das mulheres, a análise da participação e do comportamento da jornada delas nos afazeres domésticos permite distinguir dois momentos: um enquanto jovens, dedicando-se aos estudos, e outro na fase adulta, quando parcela significativa das mulheres já está casada e, em muitos casos, com filhos.

Ao serem abordadas se pudessem modificar um hábito na sua vida qual (is) seria(m), as jovens evidenciaram maior interesse em aumentar o tempo de estudo (63%), aumentar o tempo de lazer (24,8%), diminuir as atividades domésticas (12%).

Estes dados confirmam o já evidenciado pelas jovens do pouco tempo destinado aos estudos e revelam a necessidade de aumentarem o tempo de lazer.

No que diz respeito ao lazer, Carrano (2003) acredita que as atividades realizadas no âmbito do lazer se tornam um espaço/tempo privilegiado para a

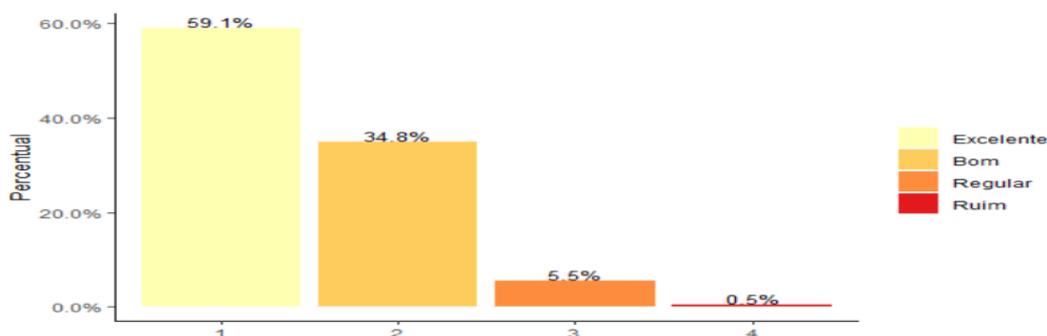
elaboração da identidade pessoal e coletiva dos jovens. Agregando, Isayama e Gomes (2008) dizem que quando se trata da juventude é importante frisar que a dimensão da cultura e, conseqüentemente, a do lazer se constituem como espaços privilegiados de práticas, representações, símbolos e rituais, os quais participam da configuração da identidade juvenil.

Na categoria trabalho constata-se que a opção das jovens por participarem do PET se deu, principalmente, como uma forma de se inserirem no mercado de trabalho, apontando como vantagem a aquisição de experiência profissional. O trabalho como aprendizes, na percepção das jovens, não interfere nos seus estudos apontando terem tempo livre para usufruírem o lazer.

Faz-se presente, no artigo 6º e 217º da Constituição Federal (BRASIL, 1988), o direito de todo cidadão brasileiro ao Esporte e ao Lazer, sendo este último, realizado em período de não-trabalho, servindo como uma prática de descanso ou auto-contemplação, estando diretamente relacionado com o bem-estar e a qualidade de vida do trabalhador, declara Marcellino (2000).

Assim, ao serem abordadas sobre como consideram o tempo quando estão usufruindo o lazer, percebe-se pelo Gráfico 01 que somente 6% das respondentes consideraram regular e ruim o tempo de fruição do lazer.

Gráfico1: Quando está no seu lazer, como considera esse tempo?



Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Para Abramo (1994) o lazer é um campo onde os jovens desenvolvem sua sociabilidade e experimentam situações que ajudam a estruturar suas novas referências e identidades, Ademais, o lazer na concepção de Silva (1995) é uma forma prazerosa e lúdica de se usar as horas ociosas que dão ao homem melhor qualidade de vida, no sentido de preservar a sua saúde.

As jovens foram perguntadas se possuem dificuldades de acesso ao lazer, na qual se constatou que 40% confirmaram terem esta dificuldade e 60% manifestaram não possuírem dificuldades de acesso ao lazer.

Quanto às dificuldades de acesso ao lazer, o fator com maior incidência foi a falta de dinheiro. Esse resultado corrobora o exposto por Godtsfriedt (2010), que considera que os aspectos econômicos, acabam permitindo, muitas vezes, que somente pessoas de melhores condições financeiras, tenham acesso a certas opções de lazer.

A parcela de jovens que apresenta dificuldades de acesso ao lazer pode estar relacionada a diversos fatores, dentre eles tem-se o fator econômico que segundo Marcellino (2006) influencia desde o tempo disponível de que os indivíduos desfrutam até a formação escolar, o que dificulta ou inibe o acesso às atividades de lazer, colocando-as como um privilégio restrito a poucos. O mesmo autor também relata ser o gênero um fator determinante no acesso ao lazer, mencionando que as mulheres encontram barreiras sociais para a vivência do lazer. Para Marcellino existem privilégios de gênero na apropriação do lazer.

A partir do levantamento de como as práticas de lazer são usufruídas pelas jovens aprendizes foram realizadas abaixo algumas considerações.

Conclusões

Este artigo teve como objetivo analisar as interfaces entre lazer e trabalho das jovens aprendizes do Programa Educação e Trabalho - PET desenvolvido pela Fundação CDL Pró-Criança.

Ao analisar a rotina das jovens aprendizes, destaca-se que apesar do pouco tempo livre, em decorrência das obrigações profissionais, escolares e domésticas, estas se permitem vivenciar algum tipo de lazer.

A principal barreira declarada pelas jovens que dificulta o acesso às vivências de lazer foi a falta de dinheiro. Este fato está relacionado a grande parte das atividades de lazer ser negociada como produtos, a serem consumidos. Por serem um público de baixa renda, é de se esperar que tenham restrições quanto a muitas atividades de lazer.

Também existe o fato de as jovens ajudarem no complemento da renda familiar, muitas vezes, não sobrando dinheiro para usufruírem do lazer “pago”. O fato de poderem, de certa forma, ajudarem a família em suas despesas, faz com que estas jovens se sintam mais úteis.

Apesar do poder aquisitivo influenciar as vivências de lazer, podendo estas práticas serem mais intensas e variadas, visto que, na situação atual, grande parte das atividades de lazer requer investimento de recursos financeiros. O que se percebe é que, apesar de serem jovens de classe popular, estas usufruem o lazer e também não apresentam indicativos de que estejam privadas de atividades de lazer em razão de trabalho e/ou obrigações com tarefas domésticas muito menos em decorrência do gênero.

Na categoria de trabalho, as jovens declararam ser a inserção no mercado de trabalho o principal motivo de participarem do PET. O que está em consonância com a proposta dos programas de jovens aprendizes, descrita no próprio manual de

aprendizagem, que seria ampliar as possibilidades de inserção no mercado de trabalho, tornando assim mais promissor o futuro dos jovens.

E, também apontaram como vantagens de participarem do PET a aquisição da experiência profissional, o fato de ser gratuito e o registro na carteira de trabalho. Guimarães (2009) relata que para grande parte dos jovens, existe o agravante do percurso marcado pela ausência de experiências de trabalho, sobretudo naquela experiência registrada em carteira. Nesse contexto, estima-se que o PET possa contribuir na inserção dessas jovens no mercado, por proporcionar a elas a experiência profissional e o registro em carteira, requisito este indispensável para obtenção de oportunidades de emprego.

Como o PET proporciona a estas jovens estudantes a oportunidade do primeiro emprego, torna-se aparente a centralidade do trabalho em suas vidas, visto que a maioria delas contribui com as despesas familiares. O que confirma o exposto por Kubo e Gouvêa (2012) de que o trabalho representa não somente um meio de obter renda, mas, também, como uma atividade que assegura realização pessoal, *status* e oportunidade de estabelecer e manter contatos interpessoais.

Inseridas no trabalho, as jovens trabalham de 4 a 6 horas diárias, permitindo que elas consigam conciliá-lo com os deveres da escola, além de serem motivadas com outros benefícios como o aperfeiçoamento em habilidades exigidas pelo mundo do trabalho.

A exigência de maior qualificação, escolarização e experiência passa a ser requisito fundamental para a inserção no mercado de trabalho. Por estarem finalizando o ensino médio, recebendo uma qualificação técnica-profissional no programa e adquirindo experiência profissional, essas jovens irão possuir diferenciais competitivos. No entanto, esse fato não assegura o ingresso das mesmas no mercado.

No que diz respeito ao PET, nota-se que há pouco investimento na área cultural e de lazer, o que fica comprovado pela baixa carga horária destinada a essa finalidade, no intuito de seguir as diretrizes específicas do programa.

Pode-se inferir que as escolas, em geral, principalmente as públicas, não conseguem preparar os jovens para o trabalho e, muito menos para o lazer. A preocupação das mesmas reside no fato da apropriação dos conteúdos técnicos se esquecendo que as habilidades comportamentais, tem sido cada vez mais um fator determinante para a entrada e permanência no mercado de trabalho.

Essas reflexões mostram como é importante que as supervisoras do PET incentivem o uso do espaço que possuem para recreação para além do recreio, onde essas alunas possam se encontrar e desenvolver práticas, atividades e o seu potencial criativo. As instituições de ensino devem pensar na educação através do lazer, de modo a permitir que o conhecimento seja compartilhado entre os alunos de outras formas, principalmente por meio de atividades lúdicas. Dessa forma, sugere-se a inserção do uso dos jogos e dinâmicas de grupo em salas de aula, como recursos pedagógicos que colaboram com o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos educandos, tornando-os sensíveis, críticos, interpretativos, comunicativos e mais atentos, aliado ao fato de que as atividades lúdicas despertam maior interesse na participação das atividades, ao mesmo tempo em que favorecem a aprendizagem dos conteúdos e contribuem para o desenvolvimento de habilidades.

Deve-se repensar sobre a cultura relacionada aos espaços de lazer fomentados por estas jovens, na qual se pode citar circuitos de slan, saraus periféricos e de rua, instalações, o movimento hip hop como práticas estéticas, artísticas e de lazer, produzidas em territórios periféricos e que servem de lazer não apenas a estas jovens, mas, sobretudo, as pessoas que vivem neste lugar. Saliento que se deve desconsiderar a

necessidade de oferecer também as idas a museus, parques, mas considero importante acionar, junto a estas jovens, aquilo que de fato faz sentido a elas.

Para concluir, esta pesquisa contribuiu para a percepção do quão é importante se pensar na vivência das práticas de lazer nos tempos livres dessas jovens aprendizes, não somente se pautando na visão funcionalista, entendendo o lazer como contraponto ao trabalho como forma de compensação, mas a partir de um referencial cultural, apresentando possibilidades de desenvolvimento pessoal e social.

REFERENCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis**. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

ANTUNES, Ricardo Luis Coltro. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6. ed. Porto Alegre: Boitempo, 2002.

BERNAL, A. O. Psicologia do trabalho em um mundo globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho. *In*: BERNAL, A. O. **Significado do Trabalho na Sociedade Contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 17-36.

BLANCH, J. M. **Teoría de las relaciones laborales**. Desafíos. Barcelona: UOC, 2003.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const>. Acesso em: 10 abr. 2019.

_____. **Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 14 dez. 1990.

_____. **Lei nº 12.852**, de 05 de agosto de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm. Acesso em: 14 dez. 2019.

BRENNER, Ana Karina. DAYRELL, Juarez. CARRANO, Paulo. Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. *In*: TELES, Nair. (org.). **Um olhar sobre o jovem no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2008, v. 1, p. 29-44.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e cidades educadoras**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e Cultura Popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FERREIRA, Carlos Alberto. Vivências de Integração Curricular na Metodologia de Trabalho de Projecto. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**, v. 18, n. 1, p. 91-105, 2010.

FISCHER, Frida Marina; OLIVEIRA, Denize Cristina; TEIXEIRA, Liliane Reis; TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz; AMARAL, Mariana Almeida do. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. **Ciência e Saúde Coletiva [online]**, 8, 973-984, 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2003.

FUNDAÇÃO CDL Pró- Criança. Programa Educação e Trabalho (PET). Disponível em: <http://www.fundacaocdlbh.org.br/programas/educacao-e-trabalho>. Acesso em: 19 fev. 2019.

GOMES, Christianne *et al.* (org.). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación em Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

_____. Lazer e descanso. *In*: SEMINÁRIO LAZER EM DEBATE, 9, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008, p.1-15.

_____. Lazer e formação profissional: saberes necessários para qualificar o processo formativo. *In*: FORTINI, Janice Lúce Martins; GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. **Desafios e perspectivas da educação para o lazer** (org.). Belo Horizonte: Editorial SESC/Otium, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005.

GODTSFRIEDT, Jonas. Prática do lazer: uma revisão de conceitos, barreiras e facilitadores. **Revista Digital**. Buenos Aires, v. 14, n. 142, Março de 2010.

GUIMARÃES, Nadya Araújo. A sociologia dos mercados de trabalho, ontem e hoje. *In*: **Novos estudos Cebrap**. São Paulo, n.85, 2009.

GUIMARÃES, R. M.; ROMANELLI, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. **Psicologia em Estudo**, 7, 117-126, 2002.

ISAYAMA, Helder Ferreira; GOMES, Christiane Luce. O lazer e as fases da vida. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho. (org.). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas: Alínea, 2008.

KUBO, Sérgio Hideo; GOUVÊA, Maria Aparecida. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. **Revista de Administração**, v. 47, n. 4, p. 540-554, 2012.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Humanização**. 7. ed. Campinas: Ed. Papirus, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer: Uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

_____. **Estudos do lazer:** uma introdução. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Estudos do lazer:** uma introdução. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MATTOS, Elsa de; CHAVES, Antônio Marcos. As representações do trabalho entre adolescentes aprendizes: um estudo piloto. **Revista de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 16, p. 66-75, 2006.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: IBRASA, 2003.

NARCISO, Roseane de Aguiar Lisboa. **Juventude e transição escola-trabalho:** tempo do devir. Curitiba: Appris, 2017.

PADILHA, Valquíria. (org.) **Trabalho e lazer:** reflexões sobre a abordagem funcionalista. (Monografia) Especialização em Lazer. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. 60p.

PAIS, José Machado. **Emprego juvenil e mudança social:** velhas teses, novos modos de vida. *In:* Análise Social. Lisboa. 1991.

PEDRÃO, Cinthia Casimiro; UVINHA, Ricardo Ricci. O lazer dos brasileiros: discussão dos dados coletados em escolaridade, renda, classes sociais e cor/raça. *In:* STOPPA, Edmur Antônio; ISAYAMA, Hélder Ferreira (org.). **Lazer no Brasil:** representações e concretizações das vivências cotidianas. Campinas: Autores Associados, 2017.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Lazer:** fundamentos, estratégias e atuação profissional. Jundiaí: Fontoura, 2003.

POCHMANN, Márcio. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

RAMALHO, Aline de Andrade; FIGUEIREDO, Izabela Delfino de. Mulheres multifuncionais: mercado de trabalho e dilemas familiares. **Foco:** Revista de Administração da Faculdade Novo Milênio, v. 6, n. 1, Novembro de 2013.

ROSSO, Brent D.; DEKAS, Kathryn H.; WRZESNIEWSKI, Amy. **A theoretical integration and review**. *Research in Organizational Behavior*, p. 91-127. 2010. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com>. Acesso em: 13 abr. 2019.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Gênero e lazer: um binômio instigante. *In:* MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Lazer e sociedade:** múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.

SILVA, Débora Alice Machado da; STOPPA, Edmur Antonio; ISAYAMA, Helder Ferreira; MELO, Victor Andrade de; MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Importância da recreação e do lazer**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

SILVA, João Bosco. **Educação física e lazer:** aprender a aprender fazendo. Londrina: Lido, 1995.

SOARES, Cristiane. **A distribuição do tempo dedicado aos afazeres domésticos entre homens e mulheres no âmbito da família.** Niterói, v. 9, n. 1, p. 9-29, 2. sem. 2008.

SOUSA, Eustaquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!** A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). 1994. 266 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

STÊNICO, J. A. G.; PAES, M. S. P. Lazer: do tempo livre à dimensão cultural e as novas formas de alienação. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar/2016. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1205>

TEIXEIRA, L. R., FISCHER, F. M., NAGAI, R.; TURTE, S. L. **Teen at work:** The burden of a double shift on daily activities. *Chronobiology International*, 21, 845-858, 2004.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Lazer: concepções. *In:* WERNECK, Christianne Luce Gomes. (org.). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Endereço das Autoras:

Tatiana Domingues Pereira
Rua 01, 251 – Condomínio Vila Hípica – B. Dr. Lund
Pedro Leopoldo – MG – 33.600-000
Endereço Eletrônico: tdpereira03@yahoo.com.br

Ana Cláudia Porfírio Couto
Avenida Antônio Carlos, 6627 – Pampulha
Belo Horizonte – MG – 31.270-901
Endereço Eletrônico: acpcouto@gmail.com